

## UM RELATO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE E SEU PROCESSO DE DESPATOLOGIZAÇÃO

Mauro Rosa da Silva Junior<sup>1</sup>  
Vivian Ligeiro<sup>2</sup>

### Resumo

O tema da homossexualidade vem sendo muito discutido nos últimos anos, assim como a busca pelo empoderamento e direitos LGBT. Isso tem causado grande furor, sobretudo entre os conservadores e a parcela dos militantes de direita de nosso país. O presente estudo se valerá do modelo de estudo bibliográfico narrativo buscando explicar o processo histórico em que a homossexualidade se submeteu desde os tempos antigos até hoje. Freud diz que o amor sensual de um homem por outro não só era tolerado em outras culturas tão evoluídas quanto a nossa, mas a esse eram atribuídas funções importantes no seio da sociedade. A homossexualidade passou de uma prática natural a pecado, e consequentemente um crime, depois disso a doença, tendo como opções de tratamento como a lobotomia, internação em campos de concentração onde eram adotados procedimentos de grande tortura a fim de reverter o desejo por pessoas do mesmo sexo e direcioná-los a pessoas do sexo oposto. Freud foi, sem dúvida, um dos grandes expoentes no discurso da despatologização da homossexualidade, e mais tarde Lacan, em seu retorno aos escritos freudianos, resgata a ideia dos tempos antigos, de que a homossexualidade é tão natural quanto à heterossexualidade, colocando que todo tipo de amor é perverso, logo a perversão é comum a todo neurótico.

**Palavras-chave:** homossexualidade; despatologização; psicanálise; bissexualidade.

---

<sup>1</sup> JUNIOR, Mauro Rosa da Silva. Graduando do curso de Psicologia UNIVERSO/JF, MG, 2017.

<sup>2</sup> LIGEIRO, Vivian. Mestre em Psicanálise pela UERJ e docente do curso de Psicologia UNIVERSO/JF, MG, 2017.

## **1 Introdução**

O tema da homossexualidade vem sendo muito discutido nos últimos anos, questões como: “As leis contra homofobia deveriam ou não entrar em vigor?”; “As pessoas do mesmo sexo poderiam casar-se e ter os mesmos direitos garantidos por lei dos casais heterossexuais?”; “Os casais homoafetivos teriam direito de adotar crianças?”, entre outras, provocam discussões acaloradas no âmbito político e social na atualidade. Freud (ano) afirma que o amor sensual de um homem por outro, não só era tolerado em outras culturas tão evoluídas quanto a nossa, mas a esse eram atribuídas funções importantes no seio da sociedade. Sendo assim, nosso interesse dirige-se ao processo de despatologização da homossexualidade ao longo dos tempos e o papel da psicanálise neste percurso.

No presente trabalho, temos como objetivo geral explicar o processo histórico em que a homossexualidade se submeteu desde os tempos antigos até hoje, destacando o lugar da psicanálise nesse processo; e como a contemporaneidade lida com a homossexualidade e as diferenças. Para tanto, o presente estudo se valerá do modelo de revisão narrativa.

Sendo assim, nos questionamos: qual o papel e o posicionamento da psicanálise em relação à homossexualidade? Para isso é preciso lançar mão do conhecimento do contexto histórico e estudos desenvolvidos na área, a fim de entender o que é, e como se dá a constituição da homossexualidade. No que se segue, desbravaremos, no presente texto, os estudos desenvolvidos por Freud e psicanalistas contemporâneos acerca do assunto.

## **2 Metodologia**

O presente estudo se valerá do modelo de estudo bibliográfico narrativo buscando explicar o processo histórico em que a homossexualidade se submeteu desde os tempos antigos até hoje. Para isso faremos uso dos textos escritos por Freud e de autores contemporâneos.

## **3 Desenvolvimento**

### 3.1 Aspectos históricos da homossexualidade

Iniciaremos nossos estudos com base em um trecho do texto escrito por Freud (1901/1996, p.55-56) *Fragmentos de uma análise de um caso de histeria* que afirma que o amor sensual de um homem por outro não era só tolerado num povo culturalmente tão superior a nós, como os gregos, que também lhe eram atribuídas entre eles importantes funções sociais. Essa afirmação de Freud nos leva a pensar qual seria o papel social do homossexual na Grécia e em povos mais antigos.

Na Grécia clássica e em Roma, a homossexualidade não só era um costume comum, mas também a imagem ideal do erotismo e modelo da educação de jovens. Platão, Aristófanes, Aristóteles, Xenofonte, Plutarco, são apenas alguns dos nomes ilustres da época, declaravam o homossexualismo como natural e incentivavam os jovens a cultivarem relações homossexuais. André (1995) ressalta que em Roma muitos filósofos, poetas e dramaturgos sustentavam o mesmo ponto de vista. Vale à pena apontar, também, que a prática homossexual era tão normal entre os homens dessa época que, dos quinze primeiros imperadores de Roma, apenas Cláudio foi um heterossexual exclusivo.

Segundo Paoliello (2013), o objetivo da educação grega era conduzir o jovem à virtude e excelência, por intermédio de um homem mais velho que lhe toma como um amante, e à medida que esse relacionamento vai amadurecendo, o jovem herda características de seu amado, que o tornarão tão sábio quanto este, constituindo assim, o modelo ideal, segundo o qual, a antiguidade procurava moldar seus jovens. Lançar luz acerca desse modelo de ensino e visão homoerótica dos gregos nos ajuda a entender sua produção nas artes, nos esportes, e suas produções em geral.

Ainda segundo Paoliello (2013), os vínculos sociais se manifestam de forma diferente aos modelos de nossa sociedade contemporânea. As leis sociais e sexuais do mundo antigo se encontravam na distinção entre senhor e escravo. Diferente de nosso tempo, o inaceitável socialmente não era um homem ter relações com outro do mesmo sexo, mas sim o fato de aceitar uma posição passiva, que violava o ideal de virilidade que era o princípio norteador da época.

Ser ativo era o mesmo que, ser másculo, viril e senhor de sua vida, um objetivo a ser buscado por qualquer homem romano livre. Qualquer que fosse o objeto de desejo,

homem ou mulher, o importante era manter o posicionamento ativo na relação. Assim a homossexualidade ativa ocupava o mesmo status que a heterossexualidade ocupa em nossos dias. Ser penetrado por outro homem ou deixar-se cavalgar por uma mulher era uma prática indigna e vista com horror em Roma. A mulher era tida como inculta, bárbara e não tinha um papel importante na sociedade a não ser o de servir e obedecer a seu senhor (PAOLIELLO,2013). Segundo Aristóteles, nesse sistema social grego desejar uma mulher era indigno de um homem que tivesse um ideal de virilidade, já que sua inferioridade cultural era marcante.

Serge Andre (1995) aponta que, dos moldes da sociedade antiga até o modelo contemporâneo em que vivemos, ocorreu uma grande ruptura na forma de ver a homossexualidade, passando a ser enxergada como crime e posteriormente como doença. Segundo o autor, foi a partir do século XIII que a intolerância frente à homossexualidade tomou corpo nos textos, fruto do racismo que seguiu as primeiras cruzadas. Neste mesmo século, pela primeira vez, foi criado um código civil ocidental que punia os homossexuais com morte. Essa medida e todas que ocorreram nos séculos XII e XIII condenaram ao mesmo tempo homossexuais, judeus, mulçumanos, e os hereges.

Os princípios que norteiam essas leis advindas da igreja cristã baseiam-se no conceito central de “natureza”, com origem nas idéias de Justiano (imperador bizantino, também considerado santo pela igreja católica), que acreditava que macho e fêmea seriam dois seres que se completam e deveriam dar continuidade a espécie; leis que trouxeram um novo viés de moral, baseado na noção física e biológica (PAOLIELLO, 2013).

No final do século XIX, a Revolução Francesa provocou alterações tanto na política quanto no âmbito social da França e trouxe consigo a decadência da nobreza e clero, a ascensão da burguesia e a influência do iluminismo segundo os princípios universais vigentes na época de Igualdade, Liberdade e Fraternidade. Em 1791, a França foi o primeiro país a descriminalizar a pederastia, termo que era utilizado para classificar os atos homossexuais. Quatro décadas mais tarde, em 1830, o Brasil descriminaliza a sodomia seguindo o Novo Código Penal do Império, por decisões do imperador D. Pedro II. Na contramão desse processo de liberdade aos desejos

homossexuais, países como a Índia, Paquistão e colônias da Inglaterra criminalizaram a sodomia e mantêm esse posicionamento até hoje.

Em 1832, o inglês Alexander Morrison publicou o tratado *Physionomy of mental disease*, numa tentativa de retratar as especificidades das fisionomias das doenças mentais onde relatou 109 quadros de pacientes, sendo nove deles classificados com “características homossexuais” (PAOLIELLO, 2013).

Já na segunda metade do século XIX, grande parte dos psiquiatras atuavam em asilos como uma espécie de cuidadores, onde os pacientes se encontravam como em cativeiros e em situações degradantes. Essa situação fazia com que as demais especialidades de médicos desmerecessem esse campo da medicina e que os profissionais da área não poderiam ser considerados médicos. Esse cenário iria mudar mais tarde através das ideias de Wilhelm Griesinger, chefe do departamento de psiquiatria da Universidade de Berlim que propôs uma reforma psiquiátrica a fim de mudar o status que até então a psiquiatria ocupava. No prefácio da primeira edição do *Arquivo Alemão de Psiquiatria e Doenças Nervosas* escreveu:

... a psiquiatria necessita submeter-se a uma transformação em sua relação com o resto da medicina”. Que transformação e essa proposta por Griesinger? “Essa transformação localiza-se principalmente na constatação de se os pacientes chamados de doentes mentais são realmente pessoas com transtornos dos nervos do cérebro (GRIESINGER *apud* PAOLIELLO, 2013, p. 32)

Nessa época, Karl Ulrich, advogado alemão que ocupava um importante cargo público, foi demitido por declarar abertamente sua homossexualidade, se tornando o primeiro ativista gay da história. Entre 1864 e 1868 publicou uma série de sete panfletos dizendo que o amor de um homem por outro é tão natural quanto o amor de um homem por uma mulher, surgindo o termo “Uranismo”, que ele classificava como um sentimento de “uma alma feminina num corpo de homem” e vice e versa. Ulrich tinha o objetivo de alcançar e promover com seus trabalhos uma discussão acerca da homossexualidade e obter apoio do campo da medicina. (PAOLIELLO, 2013)

Os esforços de Ulrich tiveram resultado, e o renomado professor da universidade de Berlim, Karl Westphal publicou dois estudos de caso, o de um homem e o de uma mulher que apresentavam atração sexual por pessoas do mesmo sexo, a fim de sistematizar um estudo teórico sobre a homossexualidade. Com isso criou o primeiro

diagnóstico “*contrare sexuellempfindung*” (sentimento sexual contrário), sendo um sentimento congênito e não um costume contra a natureza, fazendo críticas às leis que criminalizavam as práticas homossexuais. Assim, Westphal inaugura os estudos e diagnósticos acerca da homossexualidade (PAOLIELLO, 2013).

Por um lado, os diagnósticos de Westphal tratavam do assunto de forma cuidadosa, delicada, trazendo uma nova ótica sobre o tema da homossexualidade, que na época era vista por seus colegas de profissão e pela sociedade, de forma criminoso e devassa. Por outro lado, suas considerações também traziam um lado perigoso, pois aliava o sentimento homossexual à quase sempre uma doença mental, trazendo consigo o veredito da patologização para homossexualidade. O termo “*contrary sexual feeling*” ganhou a tradução para o português como “inversão sexual” assim a idéia de que a homossexualidade seria um transtorno congênito permaneceu até o século XX. Mas esse novo posicionamento diante da homossexualidade não impediria a Alemanha, em 1871, de criminalizar a homossexualidade através do parágrafo 175 do código criminal, o que só seria revogado em 1994.

O termo “homossexual” é criado pelo jornalista, escritor e ativista dos direitos humanos Karl Maria Kertbeny, substituindo a palavra pederasta que era usada até então. Nessa mesma época, o médico alemão e homossexual assumido Magnus Hirschfeld fundou junto com três amigos um comitê com o objetivo de defender os direitos dos homossexuais e revogar o parágrafo 175 da lei alemã. Nesse processo, lançaram o trabalho *Safo e Sócrates ou como explicar o amor de homens e mulheres por pessoas do mesmo sexo?* que visava explicar cientificamente a homossexualidade como algo natural (ROUDINESCO, 1998).

De acordo com Roudinesco (1998), em 1886 Richard Von Krafft-Ebing publicou sua mais famosa obra, *Psychopathia Sexualis*, que foi traduzida no mundo inteiro, e traz uma descrição extraordinária a partir de casos preciosos, de todas as formas possíveis de perversões sexuais, sendo uma espécie de catálogo sofisticado, do qual Freud adotou varias noções.

Ainda segundo a autora (1998), Krafft-Ebing adotou o termo “homossexualidade”, criado por Kertbeny, tornando-o popular entre a classe médica, mas deu a ele um novo sentido. Para Krafft-Ebing a homossexualidade se encontrava entre as anomalias do instinto de reprodução da espécie (*anomalie der Geschtstrieb*) e

tratando-a como uma degeneração, e situando o problema em referência à procriação. No decorrer desses estudos, Krafft-Ebing publicou um novo artigo no *Jahrbuch für sexuelle zwischenstufen*, trazendo uma nova postura onde a homossexualidade agora não poderia ser generalizada como uma anomalia ou doença mental.

### **3.2 A homossexualidade na teoria freudiana**

Sem dúvidas, Freud foi um dos expoentes na discussão acerca da sexualidade na sua época, e suas considerações são um importante embasamento ao estudar o assunto até hoje. A psicanálise contribuiu muito ao discurso proferido até então acerca da homossexualidade, pois ela tornou o perverso parente do normal, bem como lembrou ao normal que ele era um perverso honorário (LAURENT, 2007).

Em 1896 em sua carta 52 a Fliess, Freud já esboça seu interesse pela sexualidade, discorrendo sobre as zonas erógenas como passíveis de serem estimuladas na infância, e que mais tarde seriam suprimidas pelo recalque, e que a mesma teria ligação direta com a perversão. Evoluindo em seus estudos, Freud abandona sua teoria da sedução, e reconhece, que a sexualidade atuava no desenvolvimento da criança desde a mais tenra idade. Nesse processo de descobertas, traz também a teoria do Complexo de Édipo, que seria uma das bases da psicanálise (LAURENT, 2007).

Foi só em 1905 que Freud publica seu trabalho *Os Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* e mesmo sendo um livro que trouxe uma teoria inédita, não houve muito alvoroço e visibilidade ao ser lançado, o mesmo teve uma saída considerada normal, na época: mil exemplares vendidos no primeiro ano, e duzentos por ano nos quatro anos seguintes. Isso se deu, pois nessa mesma época foram lançados inúmeros trabalhos de outros autores com a temática da sexualidade, principalmente contemplando a sexualidade infantil. (ROUDINESCO, 1998)

Ainda segundo Roudinesco Isso trouxe certa amargura a Freud e a seus discípulos, uma vez que os mesmos tinham consciência de que o mestre havia produzido uma teoria revolucionária da sexualidade. Foi necessário mais tempo e outros acontecimentos, como foi o caso da publicação do caso pequeno Hans, onde essa teoria foi diretamente aplicada em uma criança, e o estudo de *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância publicado em 1910*, no qual Freud traz uma análise dos

elementos que compunham a vida e a obra de um dos pintores mais conhecidos e respeitados do mundo. Outro fator importante foi a institucionalização da psicanálise e a criação da (IPA) que disseminou a terapia psicanalítica por várias partes do mundo, e por fim o rompimento com Carl Gustav Jung a propósito da libido, para que só então a teoria chegasse ao conhecimento geral da sociedade, e consequentemente ser perseguida e classificada como uma obscenidade ou uma pornografia, e até uma “ciência boche”. (ROUDINESCO, 1998)

A obra sobre a sexualidade é dividida em três partes onde a primeira é foco de nosso interesse, pois nela Freud expõe e se dedica a explicar, o que eram conhecidas pelos médicos da época, como aberrações sexuais e “taras”. Freud traz o conceito de pulsão usado para descrever os desvios em relação ao objeto sexual. Nesse ensaio encontramos relatadas a homossexualidade, a pedofilia e a zoofilia.

Freud traz a noção da homossexualidade como uma inclinação inconsciente e própria da estrutura de qualquer neurótico, ou seja, de qualquer sujeito assim como a bissexualidade. Na edição de 1915 uma longa nota de rodapé é acrescentada;

A investigação psicanalítica opõe-se com toda firmeza a tentativa de separar os homossexuais dos outros seres humanos como um grupo de índole singular. Ao estudar outras excitações além das que se exprimem de maneira manifesta, ela constata que todos os seres humanos são capazes de fazer uma escolha de objeto homossexual, e que de fato o consumaram no inconsciente. As vinculações por sentimentos libidinosos com pessoas do mesmo sexo desempenham inclusive, um papel tão importante como fatores da vida anímica normal, e um papel ainda maior que as vinculações semelhantes com o sexo oposto como motor do adoecimento. A psicanálise considera, antes, que a independência da escolha objetual em relação ao sexo do objeto, a liberdade de dispor igualmente de objetos masculinos e nas épocas pré-históricas, é a base originária da qual, mediante a restrição num sentido ou no outro, desenvolvem-se tanto o tipo normal como o invertido. No sentido psicanalítico, portanto, o interesse sexual exclusivo do homem pela mulher e também um problema que exige esclarecimento, e não uma evidência indiscutível que se possa atribuir a uma atração de base química. A conduta sexual definitiva só se decide depois da puberdade e resulta de uma série de fatores ainda inabarcáveis, de natureza em parte constitucional e em parte accidental. (FREUD, 1905/1996, p.137-138)



Diferente da primeira edição dos *Três ensaios*, Freud agora deixa de lado o termo “inversão” e passa a usar homossexualidade. Suas idéias dominaram a psiquiatria no século XX e a palavra homossexualidade passa ter o termo usado de forma dominante até hoje. Freud usou argumentos de seu estudo para eliminar qualquer tentativa de classificar os homossexuais como um grupo à parte da sociedade e fez colocações ao público que traziam consigo seu posicionamento. Em 1903 Freud pronunciou-se a um jornal vienense sobre um caso envolvendo homossexualidade e disse:

a homossexualidade não é algo a ser tratado nos tribunais. (...) eu tenho a firme convicção que os homossexuais não devem ser tratados como doentes, pois tal orientação não é uma doença. Isto nos obrigaria a qualificar como doentes um grande número de pensadores que admiramos justamente em razão de sua saúde mental (FREUD *apud* PAOLIELLO, 2013, p.36)

Também em 1935 respondeu a carta da mãe de um homossexual reafirmando sua posição:

A homossexualidade não é evidentemente uma vantagem, mas não há porque ter vergonha disso, não é um vício nem uma depreciação e não poderia ser qualificada como doença; nós a consideramos como uma variação da função sexual, provocada por uma interrupção do desenvolvimento sexual. Vários indivíduos altamente respeitáveis, dos tempos antigos e modernos, foram homossexuais, e entre eles encontramos alguns dos mais ilustres homens (Platão, Michelangelo, Leonardo da Vinci etc...) é uma grande injustiça perseguir a homossexualidade como um crime e também uma crueldade. Se não acredita em mim, leia os livros de Havelock Ellis (FREUD *apud* ROUDINESCO, 2013, p.108-109).

Mas as idéias de Freud não foram aceitas por todos, em seu texto “*Fluctuat nec mergitur*”, escrito em 1914, expõe como ele vê essas críticas:

Ingenuamente dirigi-me a uma reunião da Sociedade de Psiquiatria e Neurologia de Viena, presidida então por Krafft-Ebing (cf. Freud, 1896c), na esperança de que as perdas materiais que voluntariamente sofri fossem compensadas pelo interesse e reconhecimento de meus colegas. Considerava minhas descobertas contribuições normais à ciência e esperava que fosse recebidas com esse mesmo espírito. Mas o silêncio provocado pelas minhas

comunicações, o vazio que se formou em torno de mim, as insinuações que me foram dirigidas, pouco a pouco me fizeram compreender que as afirmações sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses não podem contar com o mesmo tipo de tratamento dado ao comum das comunicações. (...) Passei a fazer parte do grupo daqueles que perturbam o sono da humanidade (FREUD apud PAOLIELLO, 2013, p.37).

Com a institucionalização da psicanálise e a criação da IPA houve a necessidade de criar regras para a organização e proliferação dos preceitos psicanalíticos que, até então, só eram passados pelo próprio Freud. Mas com respeito à homossexualidade as ideias passadas pelo mestre não foram bem aceitas.

Os participantes da IPA adotaram algumas ideias descritas na obra de Sandor Rado, um psicanalista húngaro que se mudou para os Estados Unidos nos anos 30, que via a teoria da bissexualidade de Freud como um erro, postulando que a heterossexualidade era a norma natural do desenvolvimento humano. A homossexualidade adulta seria segundo este autor, uma hesitação fóbica da heterossexualidade provocada por cuidados parentais inadequados. Socarides, um psiquiatra e psicanalista, dedicaram grande parte de sua carreira em estudar a homossexualidade e a teorizou como um mecanismo inconsciente neurótico. Essas e outras teorias serviram de apoio para a inclusão de um diagnóstico de homossexualidade, tanto na primeira, em 1952, quanto na segunda edição, em 1968, do *Diagnostic and Statistical Manual* (DSM). Essas noções colocaram os homossexuais fora de qualquer escola ou profissão que tivesse a psicanálise como base teórica, com o pretexto de que já, que a psicanálise não apresentava êxito algum na cura da homossexualidade não poderia um homossexual exercer a função de analista, ou qualquer uma das profissões em saúde mental que tivesse como base o pensamento psicanalítico. (DRESCHER, 2013).

Podemos ter uma ideia do pensamento dos integrantes da IPA, e conseqüentemente, a ideia que a psicanálise pregava nessa época, por um trecho do texto escrito por Edmund Bergler, um notável psicanalista que escrevia ao público em geral:

Eu não tenho preconceito em relação aos homossexuais; para mim, são pessoas doentes que precisam de ajuda médica... Ainda assim, embora eu não tenha preconceito, eu diria: homossexuais são,

essencialmente, pessoas desagradáveis, independente de sua agradável ou desagradável aparência externa... [sua] aparência externa é uma mistura de arrogância, falsa agressividade e lamuria. Como todo masoquista psíquico, eles são subservientes quando confrontados com uma pessoa mais forte, impiedosos quando no poder e inescrupulosos ao espezinhar alguém mais fraco.(BERGLER *apud* DRESCHER,2013.p.47)

Segundo Roudinesco (2013), Anna Freud foi uma das maiores adeptas ao movimento regressivo a que os neofreudianos impuseram com respeito à homossexualidade. Nascida em 1895, não era desejada pelo pai, nem pela mãe, o que a fez buscar seu espaço no afeto e atenção de seu pai, demonstrando seu valor e qualidades. Ao perceber que mesmo com o grande desejo de ter filhos, Ana Freud repelia os homens, Freud propôs tomá-la em análise a fim de despertar sua libido o que correu entre 1918 e 1920, e depois 1922 e 1924. O desenvolvimento da análise fez com que Freud reconhecesse as inclinações homossexuais da filha e desviá-las ao estudo e a busca de desempenhar um papel marcante no movimento psicanalítico. Essa postura de Freud fez com que sua filha se destacasse no cenário analítico e tornar-se chefe de umas das mais fortes escolas de psicanálise, e pioneira no tratamento de crianças, mas isso tornou-a hostil a sua própria sexualidade e luta contra qualquer tentativa de aceitar homossexuais como psicanalistas.

Ainda segundo a autora (2013) as inclinações de Ana Freud não seriam totalmente satisfeitas com os estudos. Ana conheceu Dorothy Tiffany Burlingham, uma viúva que veio morar com seus quatro filhos em Viena para estudar psicanálise e fugir das loucuras homicidas de seu marido. Dorothy e Ana passaram a morar juntas, Ana desempenhou papel de analista, professora, e “co mãe” dos filhos de Dorothy. O relacionamento das duas era muito parecido com um relacionamento lésbico, mas, mesmo assim, Ana sempre negou qualquer insinuação que afirmasse ou levasse a esse sentido (ROUDINESCO, 2013). A militância de Ana Freud fica clara numa carta datada de 1956 que tinha por objetivo desencorajar a publicação da famosa carta de seu pai de 1935:

Existem varias razões pra isso [para que a carta não seja publicada]. Uma é que hoje se pode tratar mais homossexuais que se fazia outrora. Outra é que os leitores poderão ver ai uma confirmação do fato que

tudo que a análise pode fazer e convencer os pacientes que seus defeitos ou “anomalias” não são tão graves, e que eles deveriam aceitá-los com alegria. (ANNA FREUD *apud* CECCARELLI, ano, p.60).

Mas essas ideias não foram unanimidade entre todos os praticantes da psicanálise da época. Um dos grandes nomes que combateram os pensamentos anti-homossexuais foi Judd Marmor, que teve grande importância nos debates psiquiátricos acerca da homossexualidade. Ao reunir informações dos campos como história, zoologia comparada, genética, endocrinologia, sociologia, antropologia, direito, psicologia, psiquiatria psicanalítica, em seu livro *Sexual Inversion* procurava mostrar que a questão do diagnóstico da homossexualidade não era médica nem semântica, mas moral.

Robert Stoller foi um psicanalista que desenvolveu seu trabalho com pacientes transexuais e intersexuais e introduziu conceitos da sexologia, principalmente os de John Money na literatura analítica, onde diferencia uma identidade de gênero de uma orientação sexual.

Roudinesco (2013) descreve Jacques-Marie-Émile Lacan como um grande psicanalista francês, que nadou contra a corrente homofóbica implantada no cenário psicanalítico da época. Lacan aceitava tomar homossexuais em análise não tentando transformá-los em heterossexuais, e admitia-os como membros da *École Freudienne de Paris*, escola fundada por ele. Ao contrário de Freud que via a homossexualidade como uma orientação, Lacan se aproximava das ideias de Michel Foucault e de Gilles Deluze, que valorizavam a perversão como uma contestação da ordem social e burguesa. Para Lacan há uma disposição perversa em toda forma de amor, a homossexualidade e uma subversão ao discurso machista dominante.

Em 28 de junho de 1969, um grupo de homossexuais se rebelou e reagiu vigorosamente a uma batida policial no bar Stonewall em Nova York. Esse evento ficou conhecido como o início do movimento LGBT. A partir desse marco, vários homossexuais começaram a se organizar, e tentar buscar uma solução para que a homossexualidade deixasse de ser crime e doença. Em 1970, ativistas gays chegaram à conclusão de que os diagnósticos psiquiátricos que patologizavam a homossexualidade eram o principal motivo da marginalização dos homossexuais pela sociedade, buscando reverter esse quadro. Ainda em 1970 interromperam a reunião da *American Psychiatric*

*Association* (APA) a fim de que suas reivindicações fossem ouvidas. Sem muito sucesso, em 1971, repetiram o ato e conseguiram que dois painéis da reunião dessem destaque para que ativistas gays, não pacientes, fossem ouvidos por uma audiência psiquiátrica e compartilhasse o quanto os diagnósticos estigmatizam os homossexuais. Esse discurso ganhou força em 1972, quando o psiquiatra Jonh Fryer apareceu com uma máscara de borracha, uma peruca assustadora, um smoking acima de seu tamanho e em um microfone que alterava sua voz, falando o quanto era difícil e angustiante ser um psiquiatra gay enrustido.

Os esforços tiveram resultado, e a APA iniciou um processo para que a homossexualidade fosse estudada de forma científica e a investigar se esta poderia ser considerada um distúrbio psiquiátrico. Para isso, a APA encarregou o comitê de nomenclatura de entrevistar proponentes a favor e contra a normalização da homossexualidade, o comitê também fez uma revisão da literatura, sexológica, psiquiátrica e psicanalítica acerca da homossexualidade. Esse processo de investigação durou mais de um ano, e teve por resultado a recomendação da remoção da homossexualidade do manual diagnóstico. Em 1973, o conselho de curadores da APA votou a favor da retirada da homossexualidade do DSM-II, decisão essa que motivou profissionais de outras organizações de saúde mental a endossar a decisão da APA. Esse posicionamento não agradou a todos, um grupo de psicanalistas que haviam argumentado contra a normalização, coletaram 200 assinaturas de membros psicanalistas da APA durante uma reunião da (APsaA) *American Psychoanalytic Association*, exigindo um referendo de todos os membros da APA para impugnar a decisão do conselho. O que não surtiu efeitos, pois, em 1974, a decisão para a remoção foi confirmada com 58% dos votos. Após esse referendo, a APA declarou-se a favor da proteção dos direitos civis para os Gays e a revogação de todas as leis referentes à sodomia (ROUDINESCO, 2013).

Depois do posicionamento da APA a favor da despatologização, a visão em relação à homossexualidade nos Estados Unidos e nos países que aceitavam e reconheciam sua autoridade científica, começaram a aceitar gradualmente a visão normalizadora da homossexualidade. Em 1992, a Organização Mundial de Saúde (OMS) aderiu a essas ideias e retirou a homossexualidade da classificação internacional de doenças (CID-10). A visão da sociedade ocidental em relação à homossexualidade

foi se alterando gradualmente a medida que o gay passava de um doente, a um cidadão normal capaz de produzir como qualquer outro (DRESCHER, 2013).

A sociedade de psicanalistas não foi tão receptiva as novas ideias e manteve seu posicionamento anti-homossexuais por mais algum tempo, em suas reuniões e periódicos continuaram a discutir e tratar a homossexualidade como uma patologia e proibir que homossexuais assumidos fizessem formação em institutos de psicanálise, o que fez com que muitos teóricos tecessem varias críticas a teoria analítica. Alguns poucos institutos na década de 80 aceitavam, um ou outro homossexual assumido para formação analítica, era o caso de *White Institute* e do *Western New England Psychoanalytic Institute*. Em 1989, a *American Academy of Psychoanalysis* foi a primeira a aderir à política de não discriminação da orientação sexual em matéria de adesão. Em 1991, ameaçados por um processo de discriminação a APsA também adotou a política de não discriminação da orientação sexual na seleção de candidatos.

#### **4 Conclusão**

A homossexualidade passou de uma prática natural a pecado, e consequentemente um crime, e depois disso a doença, tendo como opções de tratamento como lobotomia, internação onde eram adotados procedimentos de grande tortura a fim reverter o desejo por pessoas do mesmo sexo e direcioná-los a pessoas do sexo oposto. Freud foi sem dúvida um dos grandes expoentes no discurso da despatologização da homossexualidade, e mais tarde Lacan em seu retorno aos escritos freudianos, resgata a ideia dos tempos antigos, de que a homossexualidade é tão natural quanto à heterossexualidade, colocando que todo tipo de amor é perverso, logo a perversão é comum a todo neurótico. Ao analisar o processo histórico em que a visão da homossexualidade na sociedade se submeteu ao passar dos anos, concluímos que, mesmo com toda a luta dos militantes LGBTs, os ensinamentos psicanalíticos de Freud e o posicionamento do conselho de medicina mundial, a sensação que temos é que vivemos um retrocesso social, na forma de ver e aceitar os direitos e as diferenças de nossos semelhantes, só pelo fato de terem atração e amarem pessoas do mesmo sexo. A psicologia enquanto uma ciência com olhar para saúde psíquica humana tem grande responsabilidade em desenvolver estratégias tanto coletivas quanto individuais a fim de

quebrar alguns preconceitos infundados que estão instaurados em nossa sociedade contemporânea, assim diminuindo o alto nível de depressão e suicídio entre a comunidade LGBT. As ideias trazidas por Freud no campo da sexualidade foram essenciais para a despatologização da homossexualidade, portanto, faz-se necessário um retorno a elas para uma melhor reflexão de nossa atual situação de discriminação e intolerância.

## 5 Referências

- ANDRE, S. Da homossexualidade antiga. In: \_\_\_\_\_. **A impostura perversa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995. Cap.3, p. 113-187.
- CECCARELLI, P. A invenção da homossexualidade. In: QUINET, A. ANTONIO, A. (orgs.). **As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização**. São Paulo: Segmento Farma, 2013. Cap. 12, p. 153-171.
- DRESCHER, J. A história da homossexualidade e a psicanálise organizada. In: QUINET, A. ANTONIO, A. (orgs.). **As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização**. São Paulo: Segmento Farma, 2013. Cap. 3, p. 47-58.
- LAURENT, E. Normas novas da homossexualidade. In \_\_\_\_\_. **A sociedade do sintoma: a psicanálise hoje**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2007. Cap. 4, p. 151-162
- PAOLIELLO, G. A despatologização da homossexualidade. In: QUINET, A. ANTONIO, A. (orgs.). **As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização**. São Paulo: Segmento Farma, 2013. Cap. 2, p. 29-46.
- FREUD, S. Fragmento da análise de um caso de histeria. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard Brasileira das obras Psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.7 v., p.26-108
- FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: \_\_\_\_\_. **Edição standard Brasileira das obras Psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. 8v., p.?.
- ROUDINESCO, E. A psicanálise a prova da homossexualidade. In: QUINET, A. ANTONIO, A. (orgs.). **As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização**. São Paulo: Segmento Farma, 2013. Cap. 8, p 107-118.

ROUDINESCO, E. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.